



**MERIDIANO – Revista de Geografía. número 2. 2013 – versión digital.**

**<http://www.revistameridiano.org/>**

## RESENHA

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 314p.

Niedjha Abdalla-Santos\*

O modo como pensamos o espaço influencia a forma como entendemos o mundo, como interagimos com as pessoas e as coisas à nossa volta, como estabelecemos nossa postura política, como praticamos nosso sentido de lugar, afetando até mesmo a forma como entendemos a globalização. Esse é o fio condutor da discussão filosófica, teórica e política desenvolvida por Doreen Massey no livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, que tem a apresentação da edição brasileira feita por Rogério Haesbaert.

*Pelo Espaço* está organizado em cinco partes que se desdobram ao longo de quinze capítulos. A *Parte Um*, com apenas um capítulo, é denominada Estabelecendo o cenário. Nela, Massey defende e apresenta propostas para construir “uma abordagem alternativa do espaço”. Refletindo em torno de contextos específicos, traz à tona três formas distintas de se conceber o espaço, todas consideradas pela autora como fornecedoras de “algum tipo de fracasso (deliberado ou não) da imaginação espacial”, além de portadoras de reflexos sociais e políticos.

Nos relatos de viagens de descobertas e conquistas históricas, que concebem o “espaço como solo e mar, como a terra que se estende ao nosso redor”, como “uma superfície”, como “algo dado”, a autora percebe modos de conceber o espaço que nos podem levar a entender “outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” essa superfície”. Diante da pretensa “inevitabilidade da globalização” explicita manobras “em termos da conceituação de espaço e tempo” que apresentam o projeto global da atualidade como uma lei

---

\* Mestranda em Geografia na Universidade de Brasília (UnB); área de concentração: gestão ambiental e territorial. Correio eletrônico: niedjha@unb.br

da natureza à qual não se pode resistir; “truque enganoso” que transforma a geografia em história ao atribuir a condição de “atrasados” a países que não conseguiram acompanhar o “mundo que está sendo feito”, tolhendo-lhes o direito de serem “diferentes de ‘nós’”, de escreverem “suas próprias trajetórias, suas próprias histórias específicas e o potencial para seus próprios, talvez diferentes, futuros”.

Ainda discutindo a globalização, mas agora transitando da visão do “global” para a descrição de valores simbólicos associados à noção de “lugar”, destaca as fragilidades, a complexidade teórica, a hostilidade e a quase impotência da defesa do lugar contra a invasão do que exprime como “reais forças em ação”, evidenciando a dualidade presente em “alguns dos piores conflitos recentes”.

Estabelecidos os cenários, prepara-se para apresentar o problema argumentando que as três formas de entender o espaço: “a imaginação do espaço como uma superfície sobre a qual nos localizamos; a transformação do espaço em tempo, e a clara separação do local em relação ao espaço externo representam meios de controlar o desafio que a espacialidade, inerente ao mundo, apresenta”. Alerta, então, para a questão: tais modos de ver, embora quase intuitivos, são inadequados para “enfrentar os desafios do espaço” por desconsiderarem tanto “sua contemporaneidade radical” quanto a “complexidade de sua constituição”.

Nesse contexto, apresenta três proposições para tentarmos “nos desvencilhar de tais questões”. Na primeira, propõe que entendamos o espaço como “produto de inter-relações” de variadas escalas e origens, de tal forma que “identidades especificamente espaciais (lugares, nações) possam ser “reconceitualizadas em termos relacionais”. Na segunda, aponta o espaço como “possibilidade da existência da multiplicidade”, da pluralidade, “da coexistência da heterogeneidade”, do respeito às diferenças de todo porte e de toda sorte. E na terceira, decorrência lógica natural das anteriores, sugere que reconheçamos o espaço como em contínua construção, não no sentido de incompleto, mas de permanentemente inacabado, como um produto-processo, resultado nunca fechado a novas construções, pois, no entendimento da autora, “Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo”.

É exatamente a partir das três proposições inicialmente elencadas que *Pelo Espaço* se estrutura, permitindo-se aparentes desvios, indispensáveis para resguardar o raciocínio condutor, recuperado por diversas vezes no desvendar das páginas do livro.

A *Parte Dois* e a *Parte Três* possuem, respectivamente, quatro e cinco capítulos, ao longo dos quais Massey procura objetivos semelhantes. Ambas tentam revelar “algumas das imaginações hegemônicas de “espaço”, sendo que, na segunda, a autora busca influências construídas a partir de debates filosóficos amplamente considerados, enquanto que a terceira

parte percorre caminho similar, mas aproxima a lente na tentativa de capturar imaginários significativos no contexto político “da modernidade e da globalização capitalista”. Ao final das duas se pode perceber algumas possíveis origens para a existência de percepções espaciais tão aparentemente intuitivas.

Especificamente na segunda parte e, principalmente, no capítulo Espaço/Representação, Massey critica o entendimento quase comum que associa diretamente as noções de representação e de espacialização. Detalha o que caracterizou como “associações pouco promissoras”, por influenciarem o imaginário popular com conotações “que privam o espaço de suas características mais desafiadoras”. Deixa claro que o apego nem sempre consciente às abordagens tradicionais acabam por inibir reflexões espaciais potencialmente inovadoras. Passa, então, pelo pensamento de Bergson, Deleuze, Boundas, Laclau, Soja, Certeau, Foucault, entre outros pensadores que discutiram, analisaram ou contribuíram para a crise da espacialidade e da invisibilidade do espaço em benefício do tempo.

Transita, assim, entre a percepção de Henri Bergson sobre tempo/espaço/representação; e a posição de Laclau sobre a relação íntima entre a possibilidade da política e a desarticulação/desconexão/ausência de racionalidade do arranjo espacial; destacando a essencialidade da discussão em torno do espaço “como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir” como requisito para a história igualmente aberta e para a possibilidade da política. Curioso o fato de que a autora chega a se confessar desconcertada “pela falta de atenção explícita” e pelas suposições de base dúbias com que alguns desses autores tratam o espaço. Mas acaba por se mostrar satisfeita ao encontrar “extremidades abertas, que tornam possível o desembaraçar dessas suposições e duplos usos” permitindo novas imaginações do espaço.

Merece destaque a ênfase dada à autora para o que chamou de “globalização a-espacial”, noção que desenvolve em um capítulo inteiro na terceira parte do livro. Na qual registra que em uma de suas versões mais populares o termo “globalização” “evoca uma visão de mobilidade totalmente desimpedida, de espaço livre, sem limites”. Percepção que aponta como resistente a intervenções questionadoras e provocativas, o que torna o termo um dos “mais frequentemente usados e mais poderosos em nossas imaginações geográficas e sociais”, seja no meio acadêmico, ou no discurso político, popular e jornalístico. A inevitabilidade da globalização transborda na imagem icônica e determinista de um espaço global de expansão econômica, mercadológica e tecnológica. Uma visão que se torna a-espacial na medida em que apresenta trajetória única ao ignorar as “diferenças potenciais das trajetórias”, ao negar “as multiplicidades essenciais do espacial”, ao refrear a “abertura do futuro”.

Antes de especificar possíveis reorientações, Doreen Massey inicia a *Parte Quatro* evidenciando a importância e o risco das “conceituações implícitas de espaço” em nossa vida rotineira, “em nossa ordenação do mundo”. O risco de assumirmos como verdade a visão vertical resultante do mapeamento que esconde o inesperado, o caos, as rupturas e diferenças, simplesmente por nos deixarmos levar pelo “criativo e sofisticado” potencial de representação ordenadora dos mapas que nos faz esquecer sua ligação direta com o espaço ao ampliar o uso do termo (mapas cognitivos, mapas de DNA). Preocupação que, no capítulo seguinte, mostra-se bem apropriada à discussão da noção de “lugar”, categoria considerada vaga e de difícil compreensão, apesar de estar sempre ao alcance do dedo quando trabalhamos com mapas (“aqui” está Samarcanda, “ali” os Estados Unidos da América, etc.).

Levanta a possibilidade de reorientar o entendimento de lugar, de tratar o lugar como eventualidade, como um “aqui” “onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações”, “onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história”. Entende que tal reconceituação requer o enfrentamento das questões políticas que lhe são inerentes, pois o “acabar juntos do lugar exige negociação”, envolve-nos “forçosamente, nas vidas de outros seres humanos”.

Na abertura da *Parte Cinco*, Massey começa a fechar o raciocínio conduzido no corpo do trabalho. Dialoga com a proposta política de Bruno Latour em “Uma plataforma (filosófica) para um partido de esquerda europeu”, criticando alguns pontos, mas principalmente defendendo a visão de Latour quanto à necessidade de um ponto de vista político aberto para os desafios espaciais; de uma política que enfatize as “obrigações da coexistência”, o espaço como a esfera de relações.

No capítulo treze, primeiro da quinta e última parte, a ênfase é dada ao que chamou de “política do lugar como eventualidade”, que requer a mobilização de uma “cosmologia política” que é parte “do modo como vivemos e produzimos tempo-espaço”; e que, naturalmente, “coloca a questão do nosso permanecer juntos”. Na constituição do lugar, a multiplicidade e o acaso do espaço são vistos como “base da necessidade da instituição do social” que acaba por requerer a dimensão política para mediar eventuais conflitos. “Lugar” e “permanecer juntos” são noções conduzidas nas reflexões da autora sobre “espaço público”, “espaço urbano” e “espaços receptivos” até o fim do capítulo.

A vivência política dessa teórica brinda-nos de maneira especial no penúltimo capítulo da obra, ao discorrer sobre, e ao exemplificar ricamente, posturas (in)consistentes de parte da esquerda e da direita política em relação a pontos como globalização, abertura capital/trabalho, fronteiras migratórias, desigualdade, racismo, protecionismo e livre-

comércio. Tópicos e exemplos abordados conduzem ao entendimento de que, em relação ao lugar não há regras espaciais, pois o elemento crucial se evidencia no “contraste das geografias de poder”.

“Construindo e disputando tempo-espacos” é o título do último capítulo do livro. Nele a globalização e as contradições de seus imaginários assumem, mais uma vez, lugar de destaque. Reportando-se a projeto de pesquisa que realizou no passado tendo como objetos o laboratório científico e o lar, Massey compara esses “dois tipos diferentes de tempo-espaco”, conduzindo-nos naturalmente a perceber “uma nítida cartografia de gênero e um contraste perfeito entre abertura global e autocontenção local”. Espaços globalizados, mas de forma altamente seletiva, não simplesmente aberto. Novamente, os exemplos são fartos e ricos, deixando clara a noção de que “o espaco é tão desafiador quanto o tempo”.

O livro, como um todo, contribui para as discussões de cunho epistemológico ao abordar as noções de espaco e de lugar, ao discutir as escalas local e global. E inova em sua declaração principal quanto aos impactos do modo como entendemos o espaco sobre todo o nosso entendimento do mundo e da vida.

Mais especificamente no que diz respeito à análise em torno dos aspectos da globalização, entendemos que *Pelo Espaço* abre excelente oportunidade de ampliação da discussão em torno das consequências humanas, notadamente na realidade dos países periféricos, assim como alertadas em Bauman (1999) e em Santos (2011).

Finalmente, se “o argumento fundamental deste livro é que importa o modo como pensamos o espaco”, pode-se afirmar que a autora conseguiu defendê-lo muito bem. Pontos para a bem embasada fundamentação filosófica, para a fluente argumentação, e para os ricos exemplos em muito decorrentes de uma preciosa história de vida.

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.